



LUCAS CASSULE

LITERATURA ERÓTICA ANGOLANA

18+

O
SEGREDO

DO MEU DENTISTA 3

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA


#ésobrenós
EDITORA

AVISO

*Contém cenas de sexo explícito.
Não recomendado para menores e
cardíacos.*



©Lucas Cassule, 2022

Título: O segredo do meu dentista 3

Colectânea: Afroerotismo em contos

Autor: Lucas Cassule

Contactos para palestra, seminário e workshop

E-mail: lucascassule@gmail.com

Instagram: [@lucascassule.ao](https://www.instagram.com/lucascassule.ao)

Facebook: [@lucascassule.ao](https://www.facebook.com/lucascassule.ao)

Edição e paginação

Lucas Cassule

Design de capa

Lucas Cassule

Foto de capa

Pixabay

Execução Gráfica

ésobrenós Editora

Revisão

Alzira Simões

Marketing e publicidade

Alusapo | Julieta Nguenda

Conselho Editorial

Dito Benedito | Alzira Simões

ISBN: 978-989-53537-3-6

É SOBRE NÓS EDITORA

Fernão M. Pinto, 57, Alvalade | Luanda – Angola

É expressamente proibida a reprodução deste opúsculo, no todo ou em parte, seja por quaisquer meios sem autorização por escrito do autor.

*à todas as mulheres africanas;
musas, lindas e totalmente
singulares*

Guia

Sobre o autor -----	6
Agradecimentos -----	7
Prefácio -----	8
Verdade ou consequência -----	11
Comentários -----	32

LUCAS CASSULE nasceu no Bengo, a 6 de Julho de 1986, licenciado em Engenharia Informática. É escritor, editor, docente universitário, locutor de rádio e promotor cultural. Autor dos livros: A vila assombrada pelos makixi I e II, Afroerotismo em contos, Mil correspondências – o lado negro da saudade e co-autor do livro Karingana - 2 povos, 2 contos, Pelo Poder Popular, Colectânea de Poesia Lusófona Mundos (livro 21, publicado em Lisboa) e da Colectânea de contos GELELA. Tem ainda diversos contos publicados no Jornal Angolano de Artes e Letras, no portal da literatura angolana “ésobreler”, no portal brasileiro Crônicas Cariocas e no seu blog. O autor escreve em prosa, poesia, crónicas e pensamentos. Em 2022 foi homenageado pela Africa Honore Author, na conferência de Génesis, Firemont, em Johannesburg, pelo seu contributo à literatura angolana e ao resgate e promoção do valor cultural africano. Foi eleito como uma das cem personalidades literárias mais influentes do ano 2023, pelo Clube de Autores, maior plataforma de autopublicação com maior distribuição por livrarias e marketplaces do mundo.



AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser Deus.

Aos meus filhos, obrigam-me a dar o melhor todos os dias e todas as noites!

A família e amigos (muito obrigado pelo suporte que me dão ou o que me hão-de dar no futuro).

A Alusapo e Alzira Simões por lerem tudo o que escrevo sem medir esforços.

À Fênix, por me permitir visualizar a divulgação do afroerotismo numa perspectiva diferente.

À Ângela Gouveia Manuel, minha primeira leitora em Cabinda que já recrutou outras dezenas de leitores ali nas terras “d’Os mistérios do pau de Cabinda”.

À Priscila Carmelino, por se ter transformada numa leitora assídua e brindar-me com a criação do Fã Clube Lucas Cassule.

Ao Ecleu Ambrósio e Belmira Baltazar por me desafiarem a repensar o final deste conto (adorei o resultado).

Aos meus leitores espalhados pelo mundo (sei que um dia vocês serão bilhões), muito obrigado.

Ao Dito, Diego, Helma Airosa, Emanuela Pinheiro, Welwitschia Kumba, Carla Francisco, Nancy Esmeralda e a todos os que se predispõe em me ler em primeira mão. Muito obrigado pelas revisões e sugestões de melhorias.

A você que baixou/adquiriu esta obra, muito obrigado, não deixe de partilhar e espalhar pelo mundo afora!

É sobre nós!

Prefácio

Estimado leitor,

É com muito prazer e deleite que, finalmente, o nosso saudoso e punidor, sim punidor (pois ele não tem exacta noção do quão ansiosos ficamos com a espera desta terceira parte) nos traz o tão desejado “O SEGREDO DO MEU DENTISTA 3”. Começo por adverti-lo que não é um livro recomendado para cardíacos, pois descreve “cruelmente” uma noite de amor e orgasmos, digna de um Óscar, que fará qualquer um desejar correr para os braços do seu par e mergulhar num inolvidável momento de prazeres, mal termine a leitura.

Antes mesmo da temida conversa que fechará o capítulo anterior, Yami e Jana amaram-se tão intensa e ferozmente, como se da primeira ou última vez se tratasse. Deliciaram-se atrevidamente no corpo um do outro, como dois virgens embebidos de amor e prazer, com as horas contadas antes que o mundo se evaporasse. É dessa forma intensa, sedutora e excitante que o autor, inteligentemente, decidiu iniciar o terceiro capítulo deste esperado Romance Erótico, que mais uma vez digo, é impróprio cardíacos, como já são conhecidos alguns contos de Lucas Cassule. Um fantasma do passado da vida de Yami, o atraente dentista, tenta tomar o lugar da frente no romance que vive com Jana. Neste capítulo, têm que lidar com a penosa situação capaz de significar o fim. O fim da vida de um dos elementos e do relacionamento de ambos.

É realmente muito empolgante para mim, estar aqui a descrever-vos o tão intenso e apetitoso momento que poderá reconciliar casais, se se remeterem ao ápice do prazer, vivido e sentido pelos loucamente apaixonados amantes. A descrição ao detalhe de cada acto, mordiscada, beijo, toque, discorrer dos membros pelos corpos, leva-nos a um transe entre a loucura e o prazer, o paraíso e as nuvens, aquele céu azul pintado

nas melhores obras alguma vez vistas e cantadas nas melhores canções que falam de amor e prazer incomensuráveis.

Muito rapidamente falando do autor, Lucas Cassule, o Engenheiro Informático multifacetado e loucamente apaixonado por livros, já vem dispensando longas apresentações, pelo brilhante trilha que começou a traçar na literatura angolana moderna, desde 2019, com o lançamento da sua primeira obra “A Vila Assombrada pelos Makixi”, daí, nunca mais parou. Já pela É Sobre Nós Editora, da qual é o CEO, lançou a sua segunda obra “Afroerotismo em contos”, esta, marcou a sua estreia no mundo dos contos eróticos e que nos trouxe este conto maravilhoso, “O SEGREDO DO MEU DENTISTA”.

Fez história ao criar e apresentar o primeiro portal angolano de literatura, para escritores e leitores, onde actualmente tem colocado à disposição do público, seus escritos e os de outros autores. Além do portal É Sobre Ler, Lucas é também um mentor que tem ensinado aos novos talentos, técnicas de composição literária, em oficinas de escrita, entre várias outras acções ligadas à literatura.

Caso seja alguém que prefira outro tipo de contos, não tenha caixa para aguentar tanta empolgação ou ainda não seja despido de tabus, é o momento certo para largar esta leitura e procurar outra que lhe seja mais confortável e seja da sua preferência, pois este conto é realmente impróprio para cardíacos.

Aos bravos leitores, desejo uma agradável leitura!

Atenciosamente,
Carla Francisco
Comunicóloga

“Fear is a tool”

Batman

VERDADE OU CONSEQUÊNCIA

SÁBADO, DEZANOVE HORAS, mês de Março. Sentei-me no sofá. Tinha acabado de tomar um duche bem fresco, vesti as calças e pus uma camisa interior (um parte-cornos), ponderava sair para a rua comer alguma coisa. No centro da minha farta sala peguei no comando da TV e fui vasculhando os canais. *Hollywood*, *Duro de matar - Assalto ao Arranha-Céus*, *Bruce Willis*. Isso deve servir para lembrar os tempos. O filme estava quase ao meio, já tinha visto umas tantas vezes, não me canso. Levantei e caminhei até à garrafeira, retirei um dos copos e servi do meu *Jack Daniels*, ficara apenas um bocado na garrafa. É uma pena, não há tanto dinheiro para comprar tantas garrafas dessas, pensei.

Ali sentado, com os olhos presos no ecrã, enquanto agitava o copo de *whisky* simples, pensei na Jana. Senti falta dela, não obstante termos passado juntos a noite, anteontem. Queria que ela estivesse aqui, ao meu lado, a falar ou a obrigar-me a contar um monte de histórias sobre a minha profissão. Acho que ela devia pensar em mudar de curso, interessa-se demais pela saúde bucal. Pousei o copo sobre a mesa, retirei o telemóvel e pesquisei pelo nome, pronto a efectuar a chamada. O Alexandre tinha ido ao Kilamba passar o fim-de-semana na casa dos primos, com o retorno previsto somente na manhã de segunda-feira. Não queria era passar a noite sozinho. Talvez devesse pegar a Jana e comíamos antes alguma coisa juntos num restaurante. A casa parece tão grande quando fico só, foram os meus pensamentos.

Logo que pressionei a tecla chamar, ouvi o tilintar da campainha, desliguei-o de imediato e voltei a pousá-lo na mesa. É algo incomum, normalmente ninguém nos visita a essas horas. E se é alguém próximo, porque raio não telefonou? Ponderei ser os homens da segurança. Voltei a calçar as

chinelas que se encontravam ao pé do tapete e caminhei até à porta.

Fui recebido com beijos, tipo, após abrir, ela lançou-se literalmente no meu corpo e começou a beijar-me, mas não é um beijo comum, era intenso, de sexo, como se ela me quisesse dar um castigo por essa via. No meu colo, com a sua boca colada à minha, carreguei-a até ao sofá e sentei-me. Com aqueles beijos eu não podia resistir, já estava erecto, com o cérebro a latejar, repleto de ideias malucas.

— E o Alex? — Jana indagou-me, com a voz fónica, um sussurro.

— Só agora perguntas? Estamos sós, não há *stress*!

Ela retirou-me a camisola (não, espera, não retirou, com aquela toda violência rasgou-me o adereço) e começou a beijar o meu peito, chupou os meus mamilos e voltou a beijar os meus lábios. Eu queria fazer isso num lugar melhor, queria deixá-la confortável, como deve ser, como uma rainha, a minha rainha JANA KWENDA, em letras garrafais, de respeito máximo. Afastei-me dela e sussurrei-lhe para ficar quieta por alguns segundos. Desamarrei-lhe os atacadores dos ténis, despi-a a roupa. Primeiro a saia cinzenta, a blusa vermelha com listras também cinzentas, diferente dela, eu tinha todo o tempo do mundo, desmontei-a peça a peça, devagarinho, deixando-a apenas com um atavio no corpo, uma tanga vermelha com rendas na parte frontal. Voltei a carregá-la no colo e caminhei para o quarto.

*

Estava eu em cima dele, cavalgava, mentira, não cavalgava ainda. Yami estava de tronco nu e eu somente de cueca, extasiada como estava, mal me dei conta de quando ele me despira quase na totalidade. Enquanto ele permanecia deitado, de barriga para cima, suas mãos coladas à minha cintura, baixei vagarosamente e depositei-lhe outro beijo quente e intenso, e a minha língua meio que funcionava de forma

automática, tinha vida própria, uma língua vagabunda, invadindo a boca dele, enrodilhando-se na sua língua como almas gémeas. Eu estava toda encharcada, na verdade, o toque do meu doutor funcionava como um botão para mim, um impulso extremamente sensível com infravermelhos ligados à ele. Bastava um toque insípido para acender todo o lume encapsulado nos escombros do meu corpo. Ainda com os nossos corpos entrelaçados, Yami introduziu uma de suas mãos no interior da minha cueca, apalpou a zona molhada e escorregadia e começou a discorrer os dedos, para dentro e para fora, na minha vagina, no seu jeito, no jeito certo, com suavidade e delicadeza, mergulhando os delgados dedos macios. Comecei a contorcer-me, rebolando a bunda e a recostar-me sobre ele.

Depois, num movimento artístico e musculado, aquele homem, digo, o meu super-homem, forte como aço, virou-me para baixo e passou para o sentido em que eu me encontrava, uma necessária e iminente troca de lugares. Ali no cimo da cama, na sua enorme suite, com as joviais luzes que clareavam o ambiente, começou a beijar-me o corpo; primeiro a região do umbigo, com os lábios a enriçar os meus escassos pelos púbicos e subia, com toques de mestre, arrastando aquela língua afiada sobre a tez da minha pele, ferindo os meus desejos, descascando sem pudor a minha libido. Fez um rodopio aos mamilos, mordiscou e lambeu o do lado direito, o do lado esquerdo, com a mãozinha direita apertou as pontinhas e ouviu-me soltar um gemido mais barulhento, repetiu os movimentos, enquanto eu gemia e me contorcia. O ardor da tesão invadia as minhas entranhas, trespassava a espinha e embebedava-me o cérebro. Por um momento tinha esquecido tudo, o que me levou ali àquela casa, naquela noite, a vontade de foder tinha apagado da minha memória aquele telefonema inóspito. Mas eu queria isso, estava no plano fazer tudo isso com gana antes de pedir contas. Estava eu ali, lasciva, tensa e maluca, totalmente maluca para foder o dentista ordinário e mulherengo!

Os beijos, aquela boca quente e venenosa, agora passeava sobre o meu pescoço, beijava, cheirava, sussurrava e dava-me alguns chupões que me descomandavam e me deixavam perplexa, questionava-me, como ele conseguia ser tão pragmático, ora beijos, ora as carícias, ora os vai e vem e os movimentos circulares no meu clitóris, ora tudo em simultâneo, como se tivesse mil mãos, mil línguas, mil vidas, mil tudo para me enlouquecer como ninguém, como um deus de uma mitologia de amor, uma mitologia grega, as antigas e mais incomuns das mitologias. Um deus do sexo, sim, esse é o Yami.

Desfiveli o seu cinto, arrastei o zíper para baixo e deixei-o nu, enquanto nos esfregávamos sobre os lençóis, perdendo-nos em beijos e carícias. Segurei aquele mastro que já se encontrava severamente duro e o massajava com a mão esquerda. Ficámos naquilo por quase quarenta minutos, desde que fui recebida na sala, e eu não queria mais nada, nada além daquele monstro invadindo a minha vagina. Puxei a tanga para o lado e introduzi aquele órgão na minha rata com a minha boca ainda colada na dele. Yami fez, de início, pequenos movimentos, lentos, enquanto eu o auxiliava com a mão direita que o acorrentava no rabo. Eu queria aquele ritmo, queria deixá-lo embalar com aquela subtileza que o caracteriza. E os movimentos, e os gemidos abafados, e os vai e vem, e as estocadas foram aumentando de nível, gradativamente, enquanto os meus delírios também cresciam na mesma proporção.

Amei profundamente aquilo, senti-lo dentro de mim, degustar dos movimentos esguios daquele “homão” em cima de mim, um exemplo vivo de perfeição humana. Eu estava a ser “comida” por aquele homem pela milésima vez, mas ainda o admirava como se fosse o primeiríssimo dia, como se eu fosse uma virgem trémula, pronta para perder o cabaço com o homem da minha vida. Olhava para o seu rosto, para os seus músculos, para o formato do seu peito, era um misto de sentimentos que eu mal consigo descrever. Por mais que eu quisesse, a distância entre as preliminares e o verdadeiro momento de tensão era muito estreita, uma linha muito ténue, e

mal pensara em trocar de posição, a intensidade e o gosto pelo qual Yami me fodia, a forma como afundava todo o seu pau, e como os seus gritos se confundiam com os meus e ecoavam no interior daquela casa, levaram-me a apreciar de imediato a beleza de um verdadeiro clímax. Mas, antes mesmo da linha de chegada, bem antes de atingir o cume do prazer, fiz sinal ao Yami, queria alcançar o limite numa escala mundial, em cima dele, a cavalgar!

Foi um movimento bem rápido, parecia algo ensaiado, de um segundo ao outro, com apenas um aceno de cabeça, o meu doutorzão estava deitado de costas para baixo enquanto eu agachava para cima e para baixo naquele pau endurecido. Aos nossos gemidos e disparates, vi-me, poucos minutos depois, ser visitada por aquela sensação de explosão orgásmica. Yami veio-se logo a seguir, eu intensifiquei os movimentos mesmo depois de ter gozado, só para garantir que não o deixe insatisfeito. E como sempre, ele não conteve os gemidos agudos, a minha melhor parte da cena, ver a reacção dele enquanto o seu tórrido sémen irrompia as paredes do interior da minha vagina.

Eu permaneci deitada no colo dele após a escalada, agora estava pronta para ter aquela “conversinha”, tinha baixado os meus níveis de tensão e com certeza conseguiria comunicar-me melhor assim. Estou zangada, mas não quero piorar as coisas e se for alguma coisa que vá causar um problema grave entre nós, ao menos tenho esse momento para me lembrar.

— Yami, na cama tu és um super-herói, sabes?

— Sou?

— Sim, és.

— Como o Batman?

— Melhor que o Batman, fazes qualquer mulher perder a cabeça. Já agora, onde aprendeste essa arte de tratar assim o corpo feminino?

— Bom, aprendo com a prática. Todos os dias é dia de aprender algo novo sobre sexo. E... o teu corpo, Deusa, o teu corpo é uma escola, é a minha escola.

— Tu sabes muito, Doutor perigoso. Bom, então, já estás pronto?

— Espera aí, já?

— Não, não me refiro a isso, doutorzinho pervertido.

— Então?

— Estás pronto para o jogo da “verdade ou consequência”?

— Eu nem percebo nada desses vossos jogos.

— Nossos?

— Sim, vossos. Ou te esqueceste que já sou quase velhinho?

— Para a tua idade, com a tua aura, a tua energia, a tua pedalada, pareces um gajo de vinte e cinco, como eu. E aliás, um velho que gosta do Batman não é um velhinho, é um “jovinho”.

— Eu vou tomar isso como um bom elogio, meu anjo. Diz-me, como funciona isso?

— É simples, quando eu disser verdade ou consequência, tu escolhes uma das opções e caso seja “verdade”, farei uma pergunta muito íntima e tu tens de dizer a verdade.

— Tens razão, afinal parece simples. E se eu escolher consequência?

— Eu te dou uma espécie de tarefa para fazeres. E não penses que vou escolher algo simples, na na ni na não!

— Interessante. Mas eu penso que vamos ter de deixar isso para depois, vamos nos arrumar e ir comer alguma coisa aqui perto. Depois podemos voltar e jogar todos os jogos que quiseres, até este que acabamos de jogar agora. Que tal?

— Sim, concordo, mas só depois daquela conversa.

— Jana, o que estás a dizer, que conversa?

— Vocês os homens gostam de nos fazer de idiotas!

— Acalma-te. Vem meu bem, vem cá.

Yami aninhou-se mais para o lado da cabeceira, pôs-se sentado, recostou-se e puxou-me para apoiar-me no seu colo.

— Diz-me, o que se passa, minha deusa?

— Ela ligou-me hoje de manhã.

— Ela quem, Jana? É isto mesmo que eu não estou a entender. Tu usas anagramas para falar e eu não entendo.

— A tua amante, a tua outra “deusa”, ou são várias então?

— Tu és a minha amante e minha única deusa!

— Sê sincero, somos quantas?

— Pensei que já tivéssemos ultrapassado isso.

— Também pensei o mesmo, até receber o telefonema daquela estúpida hoje!

— Quem então, Jana?

— Como vou saber se ela mal se identificou?

— Ah, agora entendi. Então era por isso que... toda aquela intensidade veio daí. Eu senti essa raiva enquanto fazíamos amor.

— Como?

— Bom, digamos que quase me violaste.

— Yami, não fijas do assunto, por favor! Estou a falar a sério e se continuas a ser irónico, saio por aquela porta e nunca mais volto!

— Calma, Jana, calma. Conta-me mais sobre essa pessoa. Como era a voz, consegues dar-me mais detalhes? Tens aí o número?

E então falei sobre aquela cabra, como foi o início da conversa, a rispidez na voz e de como ela se parecia com alguém já acima dos quarenta. Yami ouvia cada detalhe sem dizer nada, mas quando mencionei a parte da idade e o número não identificado, soltou um suspiro, meio que ficou zangado, revoltado digo. Levantou-se da cama sem dizer nada, apenas murmurou um “volto já” ao chegar na porta.

Sempre admirei a audácia das mulheres, de algumas pelo menos. Quando a Jana começou a falar sobre tal ligação, desconfiei que tivesse sido ela, só podia ser ela, na verdade eu questionava-me como foi que a gaja conseguiu o contacto. Não me consegui segurar naquele momento, bem que podia deixar o dia passar e resolver isso no dia seguinte, mas não, isso está cada vez pior. Na sala, retirei o telemóvel sobre a mesa e liguei para a Nádia. Apenas um toque, ela respondeu de imediato, como se estivesse à espera da minha ligação.

— Oi, meu Doutor favorito, o dentista mais bonito do mundo!

— Olá, Nádia. Tudo bem?

— Melhor agora.

— Olha quem também não mudou nada!

Ri-me.

— E tu, já mudaste ou continuo apenas o teu poço de favores, a tua fada das leis como tu me chamas?

— Nádia, nós já conversamos mil vezes sobre esse assunto.

— Por acaso, depois daquela psicopata partir, pensei que reconsiderarias. Tu não mudas homem?

Nádia, do outro lado, soltou um sorriso trocista. Eu podia até adivinhar a cara de deboche que ela fez quando se referiu a ela.

— Olha, Nádia... Bom, primeiro espero não estar a incomodar-te a esta hora. É exactamente sobre ela que quero falar.

— Viva! Menciona-se a diaba que ela volta a cavalgar o mar vermelho. O que foi desta vez, não me digas que quebrou a ordem de restrição?

— Ela não veio cá em casa, mas começou a chatear uma pessoa muito próxima a mim. Isso é violar a ordem, não?

— Muito próxima? Quão próxima?

— Uma namorada.

— Ah, entendo. Bem, deixa ver, penso que essa pessoa entrou na tua vida depois daquele período. Precisas actualizar os termos. Tenho de consultar o dossier amanhã.

— Por favor, preciso que seja feito com urgência.

— Sim. Tu sabes que podes sempre contar com isso. Como é mesmo o nome dela?

— Jana, Jana Kwenda.

— Não, esta é a tua namorada, certo?

— Isso.

— Então, estou a falar dessa diabinha, a tua matulona.

— A Fênix.

— Isso, Fênix, tão bela quanto perigosa. Ela continua no Alvalade, certo? A boss do ginásio. Meu amigo, tu e as tuas escolhas tóxicas!

— Não sei. Desde a decisão pelo tribunal, nunca mais soube dela. Hoje mesmo resolveu ressurgir das sombras e chatear-me a cabeça.

Nádia soltou outra gargalhada, fui forçado a corresponder. Naquele momento, vi a Jana a espreitar por entre a porta do quarto, forrada sobre o lençol branco. Penso ter ouvido uma parte da conversa, nem percebi quando ela chegou. Fiz-lhe sinal que já estava a me despachar e voltou a entrar.

— Bom, cuida disso então. Amanhã volto a ligar.

— Certo. E ó Yami, já ouviste as notícias que estão a circular pelo mundo?

— Sobre a Covid?

— Sim, isso. O que vocês os médicos já sabem?

— Bom, não sei muito. Só espero que isso não chegue cá a África, sobretudo em Angola que falta quase tudo. Não estou certo se conseguiremos dar respostas para algo dessa dimensão.

— Pois, foi o que pensei. Pronto, fica longe da Fênix e diz à tua Jana para te cuidar como um bebé, tu mereces. Beijinhos.

— Muito obrigado, Nádia. Cuida-te!

— Então é assim que ela se chama, Fênix?

— Sim.

— E como soubeste que é ela, o que te faz ter tanta certeza?

— Não foi difícil, só ela teria essa coragem e é a única pessoa que manteve um relacionamento durante este espaço de tempo. Não fora duradouro, mas foi muito turbulento. E ela costumava ligar-me com um número não identificado.

— Contas-me tudo?

— Conto sim. Primeiro vamos comprar alguma coisa para comer, depois voltamos a tocar no assunto.

— Combinado. Também estou cheia de fome. E olha, quero que me contes todas as coisas da tua vida, tudo o que

ficou para trás, quero saber as coisas mais relevantes para não ter que ser surpreendida novamente.

— É justo.

— E sobre essa maníaca, devo-me preocupar?

— Não, eu trato disso com urgência e ela é incapaz de te fazer mal algum. Eu sei que ela queria apenas me atingir, deve ter ficado chocada com a notícia.

— Estás a defendê-la?

— Quê? Não, Jana, claro que não. Vamos por favor, se não nunca mais comemos.

Dias depois...

— Sim, estou!?

— Ya, recebi a notificação do tribunal, não precisavas tanto, bebé!

— E pelos vistos não queres cumprir. Fênix, tu tens de aprender a deixar-me em paz. Eu preciso viver a minha vida e tu a tua.

— Não há necessidade de fazeres alaridos, querido. Liguei apenas para te dar a conhecer que eu estava só a gozar com ela. Era só um teste, queria medir a pulsação dela, sentir se tem potencial para gerir um homem do teu tamanho. Um homem como tu tem mil mulheres na lista de espera e isso a tua catorzinha deve ter em mente para não se iludir tanto.

— Não, pára com isso. Nós não temos mais nenhuma intimidade para esse tipo de brincadeira ou serei obrigado a reforçar a queixa.

— Acalma-te, homem. Não liguei para isso. Ouça, ela é só uma criança, Ya, não vai aguentar o teu fogo.

— Enganas-te, a Jana é uma mulher feita e deve ter mais maturidade do que muitas mulheres por aí. Já agora, como

conseguiu o contacto dela?

— Tenho as minhas conexões. Sou uma mulher livre, livre e independente. É isso que te afastou de mim.

— Vocês as mulheres pensam que os homens não gostam de mulheres independentes. Estão completamente erradas. Tu sabes que não foi isso que nos separou.

— Vocês temem o poder das mulheres. Quando vêm mulheres fortes, maduras e resolvidas quase que fazem xixi nas calças.

— Fênix, já chega. Cuida bem da tua vida e eu faço o mesmo com a minha.

— Ya, meu amor, um dia vais notar que perdeste a única mulher que te amava de verdade. E será tarde demais.

— Hás-de encontrar alguém que cuida de ti, melhor do que eu. É isso o que te desejo, apesar de tudo, quero o teu bem.

— Obrigada.

— Adeus, Fênix.

— Adeus, Ya.

Tínhamos passado aquele mau período, bem, não era um mau período como tal, foi só uma pequena tempestade, um pequeno tormento do passado do Yami. Eu acompanhava de longe o desenrolar do processo, não tão longe como eu queria, porque tive que ir duas vezes ao tribunal para ser ouvida e dar entrada da minha documentação, fazia parte do processo de alargamento da ordem de restrição. Quanto àquela mulher, nunca a vi pessoalmente e nem fiz questão de a ver, o dia que foi combinado para estarmos juntas, o dia das assinaturas, ela chegou logo depois de eu ter saído, tinha exames, fiz a minha parte e deixei o Yami cuidar do resto, agradei muito essa intervenção da natureza que nos impediu de nos cruzarmos cara a cara. Sem mesmo chegar a conhecê-la, aprendi a desprezá-la, principalmente após o Yami ter-me contado que no período em que ele pedira a separação, a maníaca foi ameaçá-lo em casa com uma arma de fogo. Por mim, aquela tarada tinha é de apodrecer na cadeia, seria menos uma assassina a deambular nas ruas de Luanda. Se fosse uma pobre coitada claro que já estaria a morrer na Comarca, é o que o dinheiro faz, liberta os criminosos.

Volvidas várias semanas, tinha sido avisada que o processo encontrava-se activo e que a dita mulher não podia mais falar para mim e caso me encontrasse em algum lugar, devia manter-se a pelo menos cem metros de distância. Mostraram-me uma foto dela, não me pareceu familiar e também a polícia não tinha uma foto com mais nitidez e nem era do meu interesse fixá-la. Neste dia, o Yami convidou-me para sua casa, a fim de celebrarmos o início de uma nova era. Estava tudo claro entre nós, todas as coisas importantes do passado tinham sido trazidas à tona e o Yami estava determinado a prosseguir com mais seriedade no nosso relacionamento.

Eu tinha-o convidado para um almoço em minha casa, aproveitaríamos a ocasião para formalizar o namoro. Eu estava ansiosa e, ao mesmo tempo, receosa, não sabia qual seria a

reação do meu pai, tinha falado apenas sobre isso com a minha mãe, por ela ser mais tranquila e porque sempre me senti confortável em conversar sobre essas coisas com ela. A minha mãe havia mencionado o factor idade, disse que não confiava nas relações com essa diferença, mas que, no entanto, apoiava-me, contanto que o mesmo passasse a frequentar a nossa casa.

Era numa quinta-feira, início de noite na verdade, o almoço seria no sábado de tarde, estava eu no pátio da Universidade, Lucrecia tinha partido mais cedo. Após ficar num bate-papo com outros colegas, quando eram quase 18 horas, caminhei então em passos lentos em direção à paragem. No mesmo lado, ao da universidade havia uma viatura de cor vermelha estacionada. De longe parecia um *Infinity*, mas não, era o último modelo da *Nissan Patrol*. A vidraça do meu lado estava arriada, uma senhora no interior, usando óculos escuros acenava para mim, vi de relance. Talvez desejasse uma informação sobre a universidade, foi o que me ocorreu.

— Boa noite, moça. Tudo bem?

Ela retirou os óculos escuros e esboçou um sorriso, um sorriso simpático. Acheguei-me à janela e respondi:

— Boa noite, sim, senhora. Estou bem, obrigada.

— Desculpa, conhece o professor Catarino, o de Psicologia?

— Catarino, sim conheço.

— Ah, boa. Será que ainda está por aí?

— Não. Eu acho que não o vi hoje. Mas as lições da tarde já terminaram, faz algum tempo, por isso fica muito difícil um professor do nosso turno ser encontrado aqui a estas horas. Por que a senhora não liga para ele?

— Tem razão, já é muito tarde, eu prometi aparecer às 16:30. Estou a ligar para ele e não atende. Deve estar zangado. Deixe para lá, eu volto a ligar amanhã.

No interior da viatura da senhora, uma luxúria. Um perfume raríssimo advinha dali e invadia-me os canais respiratórios. A senhora que aparentava estar acima dos quarenta anos, de tez clara e olhos grossos tinha uma voz altiva e parecia muito animada. Claro, num carrão daquele, com *Change your mind, Said The Sky Feat. Vancouver* no som de fundo, quem não ficaria com aquela aura animada?

— Ah, desculpe não ter ajudado, minha senhora.

— Não, não faz mal. Já agora, onde vai?

— Ah, eu ia mesmo atravessando para o outro lado. Vou no lado contrário ao da senhora.

— Onde exactamente, porque eu vou fazer o retorno.

— Vou para São Paulo.

— Olha que coincidência. Eu vou por essa via. Chego até a Cuca, vivo mesmo ali nos três prédios.

— Ah, não sei. Eu realmente não quero incomodar.

— Que nada! Vou ficar incomodada se a deixar ir sozinha a essa hora, com tantos perigos que há por aí nas ruas de Luanda.

E fiquei uns segundos hesitante, depois simplesmente abri a porta que ela já tinha destrancado e entrei naquela viatura que exalava a luxúria e ostentação. Apertei os cintos, retirei o telemóvel da bolsa e verifiquei o horário: 18:45.

— Qual é o nome da senhora? — perguntei-a e a apreciava a dar início à marcha e a manejar o volante. Tinha voltado a colocar os óculos no rosto.

— Telma, meu nome é Telma.

— Certo. Jana. É assim que eu me chamo.

Ela resmungou uma palavrinha que eu mal entendi, meio que premiu os dentes, até deduzi que fosse a rigidez no volante e fiquei à espera que ela repetisse, nada. Levei os olhos ao meu

telemóvel e fiquei a vasculhar as notificações nas redes sociais.

Quando dei por mim, estávamos a descer a via que leva ao Hospital do Prenda, estávamos mesmo próximo do hospital, no que eu, de forma assustada meio que gritei:

— Senhora Telma! O que estamos a fazer aqui?

— Cala a boca, minha cabra!

Com o susto que apanhei, fruto daquela rispidez, tentei abrir a porta sem me importar se o carro estava em movimento, ela trancou-as. O único impulso que me restou foi gritar e fazer movimentos com as mãos para as pessoas me verem, foi quando ouvi outra intervenção dela.

— Tenta isso e morres agora mesmo, puta de merda, tenta!

E estava bem apontado a mim, em metal prateado e reluzente. Sustive os movimentos e a respiração, fiquei a olhar para o revólver, para o revólver e para a assassina. Foi só aí que eu me toquei, o meu cérebro, embora trémulo como todo o corpo, rebuscava, espicava. A voz ríspida, a arquitectura do rosto, já me pareciam familiar, num instante fiquei confusa, não conectava os momentos, mas o argumento dela trouxe tudo à mesa.

— Seria melhor se ficasses no teu lugar, se não enfiasses a colher no prato das mais-velhas!

— Senhora Fênix, o que a senhora quer comigo? O que eu fiz exactamente?

— Ah, então já ligaste os pontos. Como assim não sabes o que fizeste? Responde-me sua puta fingida! Como não sabes que me roubaste o homem e hoje vou ensinar-te a não desrespeitares os mais velhos nem aqui e nem no outro mundo para onde vais?

Eu fiquei fria, com a garganta seca, sem acção, sem palavras. Deixei-me pasmada, apenas a olhar para ela que conduzia

de forma veloz, com a arma firme na mão direita. Não sabia o que fazer. E quando a via se tornava mais limpa, ela acelerava ainda mais, duas opções pareciam visíveis naquele momento, ou morríamos as duas no acidente, ou então, assim que nós deixássemos a cidade, matava-me.

Tínhamos apanhado a via que nos leva ao Futungo e a maníaca fervia, fervia e resmungava enquanto eu orava no silêncio, sabia — bom, desconfiava — que aquele seria o meu dia, pensava em como seria o momento em que ela encontrasse um lugar isolado para enfiar uma bala na minha cabeça e deixar-me abandonada, a engasgar-me no próprio sangue. O telemóvel já nem estava na minha mão, tinha caído no tapete e não consegui apanhá-lo. Pensei na minha mãe, muito mais nela, na dor que ela sentiria com a minha partida e as lágrimas começaram a nascer dos meus olhos. Lembrei do Yami, belo, mas também o motivo da minha precoce interrupção de viagem na terra, com todos os sonhos jogados ao acaso, dói. E finalmente, a imagem do meu pai veio, com uma aura cabisbaixa, com dor visível no rosto, dor da alma.

Meio que tinha fechado os olhos naquela viagem de despedida ou epifania, até que senti o veículo imobilizar e vi de longe um agente da polícia, com o colecte reflector, cones à beira da estrada.

— Escuta, primeiro apanha e desliga essa merda de telemóvel. Pronto. Olha, não faz nada estúpido, está bem? Qualquer movimento em falso, estouro-te os miolos, os teus e os desse estúpido polícia. Não me tenta, está bem?

Eu acenei a cabeça positivamente, bastante trémula.

— Muito bem, agora, enquanto converso com ele, continua a olhar para frente. Ché, limpa essas lágrimas, rápido, caralho!

Baixei a cabeça e limpei-me com a blusa. Depois ouviu-se:

— Boa noite, senhora. Os documentos da viatura, por favor.

Ela mal se deu ao trabalho de responder à saudação, retirou o envelope e entregou ao homem. A arma tinha metido por baixo das pernas. O agente verificou minuciosamente os documentos, dirigiu-se à parte frontal do veículo e confirmou a matrícula.

— Onde vão as senhoras? — perguntou ao voltar-se para nós.

— Benfica. Nós moramos lá, senhor agente.

— Mas tanto na carta como no bilhete não consta essa morada.

— Mudámo-nos recentemente.

— Certo. Por favor estacione só um pouco mais para o lado, preciso confirmar uma informação.

E a maníaca avançou um pouco mais para a berma. Enquanto conversavam, o agente fitava-me firmemente, mas eu sempre mantive o olhar para frente, com medo. O policial, atrás do veículo, retirou o rádio e começou a falar, com aqueles códigos que só eles percebem. A diaba fervia e soltava favas, resmungava, olhava constantemente para os lados e trespassava as mãos trémulas ao revólver. E então ouvimos:

«Sim, é exactamente de cor vermelha. Sim, é a mesma ocupante.»

A maníaca ouvindo aqueles detalhes, com um roncar agudo daquela viatura, abriu com fulgor o caminho.

— Esses filhos da puta não me conhecem!

Foi um movimento tão repentino, que quase bati com a cabeça no tablier. Eu nem tinha visto a motorizada do agente enquanto estávamos estacionados, fiquei surpreendida quando vislumbrei as sirenes ligadas enquanto seguia a viatura da endemoniada. Como se fosse num filme de acção, ela condu-

zia acrobaticamente, virando para a esquerda e para a direita, preparada para morrer. Eu sei que ela não se importava com a segurança, tinha perdido completamente a cabeça. Não nos distanciamos tanto do local onde fomos interpeladas, penso que foi uns quinhentos metros adiante, fui surpreendida e acredito que ela também, com um embate violento da nossa numa outra minúscula viatura que surgia à frente.

Acordei na cama de um hospital, era manhã, as luzes do sol trespassavam a vidraça da janela e incomodavam os meus olhos, mas nas frestas, o vento entranhava e amenizava o ambiente. A minha boca ligada ao oxigénio, soros e vários dispositivos ligados a mim. As minhas mãos pareciam presas, consegui mexer apenas a da direita, mas esta estava grudada também. No relance, Yami sentado na cadeira, que se levantou e saiu de imediato a chamar o médico.

— Pode mexer os dedos da mão direita?

Eu respondi que sim, tinha sido tirada a máscara de oxigénio.

— E os dedos da perna esquerda e da direita? Ah, muito bem. Parece que está tudo bem.

— Doutor, porque não consigo mexer a mão esquerda?

E o médico olhou para o Yami, este fez um aceno com a cabeça e aproximou-se.

— Querida, quebraste a mão esquerda. Mas olha, a cirurgia correu muito bem, não é doutor?

— Sim isso mesmo. Não tarda a sua mão volta à normalidade. Depois de sarar vai para um processo ortopédico ligeiro e já fica boa. Teve também uma pequena contusão na testa, mas é algo bem superficial, penso que os *airbags* da viatura ajudaram muito.

— Sim, isso e o milagre divino — sussurrei. — Doutor, pode por favor deixar-me com o meu noivo?

— Sim, claro. Qualquer coisa, estou no meu consultório, basta mandarem chamar. Senhor Yami, com a sua licença.

— Muito obrigado, Doutor Inácio.

E a emoção era tanta que o meu primeiro impulso foi chorar, estava viva e a olhar para o homem que amo, ao menos isso.

— Pensei que estivesse a sonhar quando te vi.

— Não meu amor, é real. Por favor não chores mais, o pior já passou. Olha, os teus pais estão aí fora. Estavam aqui nas primeiras horas de visita, tu ainda estavas a dormir.

— A dormir?

— Quer dizer, sobre o efeito da anestesia.

— Há quantos dias estou cá?

— Três dias.

Olhei para as paredes, para os folhetos na porta e confirmei o nome do hospital: “Clínica Multiperfil, UTI 4”.

— Aquela maníaca?

— Presa. Ao contrário de ti, ela não sofreu quase nada, só ligeiros ferimentos no joelho e no rosto.

— Pois, os vilões têm mil vidas. Tomara que ela morresse!

— Bom, com a arma e a tentativa de homicídio, ela vai desejar ter morrido. Mas não gastes a tua energia com isso, minha Deusa. Descansa, vou avisar os teus pais que já despertaste.

— Que maneira dramática de te apresentar à minha família, hein?

— Pois, lá isso é verdade. Estou tão envergonhado com tudo isso, mas ainda bem que não aconteceu o pior, não teria me perdoado se...

— Yami, já passou, vamos olhar para frente. Bom, manda entrar primeiro a minha mãe, por favor.

E o Yami deu-me um beijo na boca, meu primeiro beijo após ressurreição, o primeiro de muitos que espero não ser interrompido por Fênix, pela Kianda, Medusa ou qualquer outra divindade ou ser mitológico.

COMENTÁRIOS

Lucas Cassule um escritor de verdade, que pela sua escrita inovadora faz o nosso coração bater acelerado (150bpm). Sem dúvidas o segredo do meu dentista parte 3 do livro afroerotismo em contos é a melhor forma de viajar pelo mundo do pecado (no bom sentido). Um grande brinde a esse escritor que pelo seu lindo trajecto está lançando as suas sementes aonde tem passado com a sua escrita.

Telma Fênix

Motivadora Fitness e Gestora comercial

“Eu li este livro pela milésima vez, mas cada viagem é como se descobrisse algo novo. As cenas de sexo são surreais!”

Welwitschia Kumba

Catwoman

“Estava à espera de um erotismo bem contido, com muitas sensações e palavras deixadas para imaginação, mas não não não, encontrei mais do pensei, como deveria ser.

Bereznick Rafael

Escritora

“Desde o primeiro capítulo, o livro prende a minha atenção. Eu não consigo parar de ler, viajo para um mundo imaginário. Isso não é um livro é uma tentação escrita!”

Mónica Filipe

Bancária

“Não me aguento com o Afroerotismo, yha! À medida que a pessoa vai lendo encarna-se no conto. Depois dá aquela vontade de ligar para alguém para satisfazer as vontades.”

Alexandra Magalhães

Secretária e Esteticista

“Afroerotismo em Contos é sem sombra de dúvidas uma leitura obrigatória para todos que anseiam conhecer os mistérios do sexo e navegar em águas profundas no universo da tesão e sedução. Com uma linguagem provocante, chama o leitor para uma aventura inesquecível e cheia de orgasmos. Antes de ler, certifique-se de estar no lugar certo pois, a erotiese de cada conto faz-nos perder a cabeça e a noção da realidade.”

Alusapo

Escritora e Influencer literária

“E falando em leitura... E esse reencontro entre Márcio e Ana em Londres, mamã? Tenho que comprar o livro todo, não posso ficar assim no barulho.”

Clementina Tanguica

Comunicóloga

“É impressionante como cada conto deste livro mexe comigo! O Afroerotismo leva-me simplesmente a ser autosexual, (fazer sexo comigo mesma). Devo agradecer-te pela experiência maravilhora que conseguiste proporcionar-me através do mesmo.”

Sakalemba

Gestora Comercial

“Afroerotismo em contos, meu Deus!!!

Desde o primeiro contacto afirmo ter descoberto um coração apaixonado e bem romântico que conta a beleza erótica do seu amor, da sua ternura, exibindo o sabor doce dos seus beijos, a profunda e louca tesão que carrega. Afroerotismo em contos!? É uma viagem e tanto nos desejos da alma. Eu amo isso!”

Diversartes

Ninguém lê aquela obra e tem uma vida sexual activa, que não faça uma viagem daquelas!

Hermenegildo Bunga

Especialista em Microbiologia

“Ah! Como desejo ardentemente sentir a consequência do dentista gostosão.”

Alzira Simões

“Este livro, trouxe um gostinho diferente e picante à literatura angolana. Uma coisa é ler contos eróticos, outra totalmente diferente, é ler contos eróticos que retratam a realidade angolana. Uma escrita rápida, fácil, simples e, principalmente, nossa.”

Ângela Patrícia Amaral

Funcionária Pública

Os escritos de Lucas Cassule nessa obra me transmitem um misto de emoções, sensações, ansiedade e curiosidade para saber o que ele vai dizer na linha a seguir. Os mistérios do pau de Cabinda, Yarah, a secretária do mal, Na colina de Sparkhill, O meu dentista 1 e 2, foram e são contos fantásticos, que de alguma forma, todos os que leram conseguiram viver cada uma das histórias. Eu tiro o chapéu para este escritor por esta obra que tem sido quase que um “Manual de instrução” para muitos de nós!

Alarida Luvumbo

Radialista

“O Lucas transcende muito a mente para ter de escolher cada tema e chegar a ideia orgástica de cada capítulo. E é isso que o torna um verdadeiro BATMAN da literatura angolana”

Ludi Victor

Escritor

“Ansioso para voltar aos trilhos da viagem anterior: do acelerar o coração e erguer a cabeça.”

Daluka

Escritor

“O Lucas Cassule tem uma forma peculiar de apresentar seus temas e quando se trata de erotismo, não só traz a parte excitante da coisa, mas a parte educativa é intrínseca a isso, trazendo do melhor num tema controverso, a sensualidade e a educação.”

Miguel Simão

Escritor e Treinador de mentes

“Contos nunca são semelhantes. O Afroerotismo quebrou em mim os quadrados das minhas ilações mais profundas e no deleite de cada conto, ficou a ideia de que eles nunca terminam”

Higineth Vicente

Técnica Ambiental

“A gente deixa de imaginar, vive e entrega-se no prazer, apenas lendo a cada página desse incrível livro. É sem sombras de dúvidas, um escritor fora de série.”

Domingas Lopes

Funcionária Pública

“O famoso dentista do Lucas... tão bom que mereceu três rounds, ou melhor, três partes. Não sejam maliciosos :). Quem o for ler pela primeira vez, aconselho a estar sozinho(a), fazendo-se acompanhar de uma taça de vinho e a mente pronta para voar longe.”

Fernando Cruz

Escritor

“Neste livro o autor tem o atrevimento de nos fazer senti-lo dentro de nós por meio das suas palavras. Erotismo na sua essência. Não é romântico, mas é profundo!”

Sandra Mateus

Escritora

“Algumas dores são inevitáveis, mas com o Yami aprendi que bons momentos não precisam ser para sempre, importa vivê-los intensamente.”

Elizandra Santos (Coach e Gestora de Marketing).

“Esta foi a primeira obra de Lucas Cassule que eu li e, coincidentemente, também o primeiro livro erótico Angolano que conheci. Em cada conto, o autor rouba minuciosamente a nossa inocência, causando-nos gemidos silenciosos que nos conduziam a querer mais e mais os seus escritos. A naturalidade com que os factos acontecem, tocam o ponto fraco de qualquer leitor, levando a atingir o mais alto nível de satisfação literária. Quanta ousadia em apenas uma obra!

Como é possível desvendar segredos, romper padrões, desmistificar tabus e ainda reeducar o leitor desta forma tão prazerosa e inspiradora!?

Parabéns, Lucas tu és especial. A literatura angolana agradece!”

SANDRA BANDE (Poetisa e Declamadora)

Olá, caro leitor!

Muito obrigado por chegar até aqui. Este conto é o penúltimo de uma quadrilogia, os outros podem ser lidos no livro “Afroerotismo em contos, edição de ouro” que contém 8 contos da mesma natureza. A ideia original da criação dos contos foi o de fazermos exercícios de auto-conhecimento e potenciarmos a necessidade de explorarmos as nossas fantasias, estarmos abertos a conversar com os nossos parceiros/parceiras sobre o que esperamos do contacto a dois. Isso certamente vai contribuir para melhorar qualquer experiência.

O livro está disponível no impresso em Angola (livrarias Kiela, Komutú, Livrus, Editora ésobrenós) e na Amazon para quem se encontra fora de Angola. Quem estiver em Leiria-Portugal pode encontrar na livraria Boa leitura. Tenho, obviamente, outros livros de minha autoria nos mesmos lugares.

Um kandandu!

Lucas Cassule

Links de acesso abaixo:

<https://instagram.com/lucascassule.ao>

<https://facebook.com/lucascassule.ao>

<https://esobreler.ao/escritor/perfil/5>

<https://wa.me/c/244919146296>

https://www.amazon.com/Lucas-Cassule/e/B08W8GM-8T9%3Fref=dbs_a_mng_rwt_scns_share

Escreva, siga, partilhe e divulgue!

Para quem quiser apoiar (Lucas João): BFA: 7858805430002

IBAN AO06 0006 0000 78588054302 18

É sobre nós, seu livro, nosso legado!

